



UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

FELIPE LOPES

LARISSA GARCEZ

LEONARDO LIRA

LUCAS AUGUSTO

LUIZA CASTELLANI

VICTOR LAGONEGRO

APARELHAMENTO DA FÉ E A VIDA PÓS-ABUSOS

SÃO PAULO

2023

**FELIPE LOPES
LARISSA GARCEZ
LEONARDO LIRA
LUCAS AUGUSTO
LUIZA CASTELLANI
VICTOR LAGONEGRO**

APARELHAMENTO DA FÉ E A VIDA PÓS-ABUSOS

Projeto desenvolvido na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I, apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel (a) em Comunicação Social – Jornalismo, sob orientação da Prof.^a Maria Cristina Brito Barbosa.

SÃO PAULO

2023

SUMÁRIO

1. IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO	4
2. PAUTA.....	4
2.1. Tema.....	4
2.2. Enfoque	4
2.3. Contexto	4
2.3.1. Escolha do tema.....	4
2.3.2. Sociopolítico.....	5
2.3.3. Os casos	5
A. <i>Aparelhamento da fé durante o período eleitoral</i>	5
B. <i>Caso Igreja Laodiceia</i>	7
C. <i>Caso Ministério Evangélico Comunidade Rhema</i>	10
2.4. Justificativa	14
2.5. Produto	14
2.5.1. Quanto ao formato	14
2.5.2. Quanto à técnica	15
2.6. Estrutura e fontes.....	15
2.6.1. Estrutura	15
2.6.2. Fontes	18
2.7. Recursos necessários.....	20
2.8. Cronograma.....	20

1. IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO

Grupo

Felipe Lopes | 125111350045

Larissa Garcez | 125111353405

Leonardo Lira | 125111369940

Lucas Augusto | 125111357676

Luiza Castellani | 125111357175

Victor Lagonegro | 125111356772

Turma: JORNCEN07A

Orientador: Fábio Silvestre Cardoso

Formato: Podcast

2. PAUTA

2.1. Tema

Como líderes religiosos utilizaram suas posições ante seus seguidores para, através da fé, obter benefício pessoal ou de terceiros.

2.2. Enfoque

Contraste do relacionamento de cada personagem com sua fé antes e depois dos abusos sofridos.

2.3. Contexto

2.3.1. Escolha do tema

A escolha do tema se deu diante de alguns casos vistos na mídia e, principalmente, pelo contato que algumas pessoas do grupo tiveram diretamente e indiretamente com tais situações, criando essa vontade humanizar as vítimas que, em nenhuma hipótese, esperavam chegar à situação a qual chegaram. Também é buscado mostrar que, mesmo em locais e contextos em que as pessoas normalmente são acolhidas e buscam exercer sua fé, que é uma área importante para grande parte das pessoas, situações de manipulação, exclusão e uso indevido de suas crenças e convicções, podem acontecer, mesmo que, inicialmente, elas não percebam.

Além disso, deseja-se entender como essas pessoas lidaram com tais situações e como passou a ser a vida e a prática da fé desses indivíduos, a fim de dar mais voz a essas vítimas e contribuir para o jornalismo e para o debate público sobre o tema.

2.3.2. Sociopolítico

No Congresso Nacional Brasileiro existe a chamada “Bancada Evangélica”, um grupo que se une constantemente em votações de interesses em comum. A Frente Parlamentar Evangélica foi fundada em 18 de setembro de 2003, reunindo deputados e senadores de confissão cristã, em sua maioria associados a denominações neopentecostais.

O neopentecostalismo une conceitos adaptados ao mundo moderno, mas segue valorizando os aspectos tradicionais do movimento pentecostal dos anos 50. A corrente neopentecostal é predominante na população mais pobre da população. Em um contexto atual, a participação dos evangélicos na campanha eleitoral do último governo no Brasil gerou discussão sobre a relação político-religiosa. Cada vez mais pode-se ver um projeto de ter número maior de representantes religiosos no meio político.

No ano de 2018, às vésperas das eleições, a “Folha Universal”, jornal ligado à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), demonstrou apoio ao então candidato à Presidência da República, Jair Messias Bolsonaro. Com a presença dos jargões da campanha do candidato, a ênfase em acabar com a “velha política” e a defesa dos valores da “família tradicional brasileira” foram alguns dos termos usados para apoiar o político, mesmo que de forma não explícita.

2.3.3. Os casos

A. Aparelhamento da fé durante o período eleitoral

Segundo a pesquisa do DataFolha realizada em 2018 após as eleições presidenciais, o voto evangélico foi fundamental para a concretização da vitória de Jair Bolsonaro sobre o então candidato, Fernando Haddad (PT). A diferença final que ficou em aproximadamente 10 milhões de votos, teria sido quase inexistente se não houvesse tamanha preferência dos evangélicos.

Pela análise, é correto afirmar que entre os 42 milhões de eleitores evangélicos Bolsonaro obteve cerca de 20 milhões de votos e Haddad 10 milhões. Brancos, nulos e abstenções teriam ficado em torno de 12 milhões, o que representaria cerca de 67% dos votos válidos de evangélicos para Bolsonaro, enquanto Haddad teria recebido 33%. A grande questão é: Por que as outras religiões não tiveram uma diferença tão gritante na decisão pelo seu candidato?

Durante o período eleitoral e toda a campanha, Bolsonaro contou com apoio declarado de grande parte dos líderes evangélicos e esteve presente em grandes eventos como Marcha para Jesus, com o discurso de combater a corrupção e ser o herói do patriotismo, ou seja, aquele que tinha a missão de trazer o orgulho de ser brasileiro de volta.

A grande maioria das lideranças evangélicas adotaram essa narrativa e fizeram do púlpito um palanque para promover as propostas e o nome de Bolsonaro como o correto para a defesa dos valores cristãos e da família.

Mesmo com grande parte dos evangélicos se rendendo à essa narrativa, muitos outros se recusaram a aceitar o Bolsonaro como Messias literal, e se posicionaram como resistência a esse movimento e oposição ao governo. Decisão esta que trouxeram grandes problemas e dificuldades para o Pastor Danilo Bernassi, por exemplo, que foi desligado de sua igreja por se recusar a deixar de apoiar outro candidato, que não fosse Bolsonaro em suas redes sociais. Em matéria publicada pelo Metrópole, Danilo Bernassi teve uma espécie de reunião com Philip Guimarães (Bispo) e gravou a conversa, onde ele era questionado se continuaria mantendo a postura em suas redes sociais que eram contra o governo Bolsonaro, e ao afirmar que sim, Bispo Philip afirma: “Ok, então... Você está desligado da Igreja”.

Não existiu nenhum tipo de pesquisa que retrate isso, mas quantos outros “Danilos” ainda existem dentro das igrejas, isto é, pessoas que discordam, mas com medo de serem demonizadas ou irem contra às autoridades espirituais preferiram manter-se caladas? Ou melhor, como essas pessoas que procuravam a igreja para alimentar a fé, se relacionam hoje com ela após tantos eventos e situações que colocaram em jogo até mesmo a sua integridade em pensar estar fazendo o errado?

Esse é o caso da Carolina Ferreira (21), que fazia parte de uma igreja evangélica, mas preferiu sair por não concordar com as narrativas e nem o radicalismo criado na busca da eleição de um candidato.

Em 2022, com o anúncio da candidatura de Lula, Bolsonaro manteve o seu posicionamento de herói da nação, mas dessa vez não com a missão de trazer o orgulho de ser brasileiro, mas sim com a missão de combater o mal. Discurso novamente adotado pelas igrejas que chegaram até mesmo a demonizar o candidato petista e colocá-lo contra os valores cristãos, o acusando até mesmo de anticristo.

Em prol da sua reeleição não alcançada, os evangélicos trabalharam arduamente e criaram eventos como “Clamor pelo Brasil”, “Ação Brasil” e jejuns coletivos em favor da nação para que “o bem vencesse o mal”. Esses eventos contaram com a presença de Michelle Bolsonaro, até então primeira-dama do país e em alguns eventos, a presença do próprio candidato, Jair Bolsonaro, mas sem sucesso.

B. Caso Igreja Laodiceia

Ana Vindoura Dias Luz é a líder religiosa da Igreja Remanescente da Laodiceia e dona da empresa Folha de Palmeiras Produtos Alimentícios, situada em uma chácara onde fica também a sede da igreja e uma comunidade com cerca de 100 moradores. A propriedade foi alvo de uma megaoperação policial em março de 2019, com a participação de auditores-fiscais do trabalho e membros do Ministério Público Federal, Ministério Público do Trabalho e Polícia Civil, além de representantes do governo do Distrito federal e do conselho tutelar.

Para se tornar um fiel da Igreja da Laodiceia não bastava apenas professar a fé da líder espiritual, era necessário participar ativamente da comunidade religiosa - o que envolvia morar no local, seguir horários rígidos e desempenhar tarefas laborais designadas pela igreja. Na chácara funcionava uma empresa de produção de alimentos orgânicos e confecção de roupas cuja produção era vendida pelos fiéis em diversos locais. Era possível encontrar os alimentos orgânicos até dentro de mercados de bairros nobres em Brasília.

Além dos produtos de confecção própria, os missionários também vendiam livros que pregavam a salvação por meio da alimentação saudável. A empresa Folha de Palmeira parecia, em primeira vista, funcionar como qualquer outra empresa, faturando entre R\$ 50 mil e R\$ 60 mil por mês, mas ao olhar mais afundo é possível descobrir que a empresa estava por trás de diversas violações trabalhistas.

A começar que nenhum dos funcionários tinha carteira de trabalho e tampouco recebiam salário - ao invés do pagamento, os trabalhadores-fiéis eram pagos com a promessa de salvação divina. O máximo que recebiam era uma “ajuda custo”, que, em parte, era usada para bancar as despesas da igreja e da empresa. Além disso, os trabalhadores eram submetidos a regras rígidas de como se vestir, onde trabalhar e quando e como usar as redes sociais (uma vez que no local não entram televisão nem rádio). Apenas Ana e alguns poucos auxiliares da pastora podem ter acesso aos telefones celulares, já que para fazer parte do grupo era necessário renunciar os bens materiais.

Dias Luz contou aos fiscais que os fiéis trabalhavam de forma voluntária e recebiam o lucro das vendas, os quais eram divididos igualmente entre todos. Segundo os auditores-fiscais, Dias Luz deve R\$ 5,4 milhões em direitos trabalhistas.

Os trabalhadores colaboravam com o financiamento do terreno da chácara e com as contas, como a de luz e gás, pagavam também taxa de moradia e bancavam as roupas e alimentos comprados no local, além das oferendas à igreja. Enquanto a líder religiosa vivia em uma confortável casa, os trabalhadores-fiéis precisavam viver em locais improvisados, como

carrocerias de caminhões e barracões com teto de lona ao lado de agrotóxicos nocivos à saúde.

Em 2014, Ana Vindoura Dias Luz foi condenada por trabalho escravo e trabalho infantil em primeira instância no Mato Grosso do Sul, onde ficava a Igreja de Laodiceia. Recorreu e foi absolvida em segunda instância, quando a justiça aceitou o argumento da “liberdade religiosa”. O caso permitiu que se descobrisse que as crianças da chácara viviam lá sem frequentar a escola e sem receber vacinas – mas essa situação foi regularizada antes da operação que flagrou os trabalhadores submetidos à escravidão.

Em dezembro de 2018, a Polícia Civil iniciou uma investigação sobre o grupo religioso após receber uma denúncia de que uma jovem estava sendo mantida em cárcere privado na chácara onde o grupo morava. A garota foi liberta em janeiro de 2019, quando a líder do grupo foi presa - no entanto, a ação judicial não prosseguiu, já que a jovem retirou as acusações.

Na época da autuação, os trabalhadores que se encontravam em situação análoga à escravidão não quiseram sair da chácara e nem receber os direitos trabalhistas. Isso ocorre devido a uma forte doutrinação religiosa do grupo, a qual gera temor e reverência em relação aos líderes e punições pregadas pela igreja, como o castigo divino.

No ano de 2018, uma jovem de 18 anos foi resgatada pela polícia após ter sido mantida em cárcere privado por quatro meses na seita religiosa que foi alvo da operação policial. O delegado responsável pelo caso, Vander Braga, afirmou que a vítima era mantida em cativeiro por Ana Vindoura Dias Luz sob o pretexto de que a jovem estava “endemoniada”. O caso só veio à tona porque a própria vítima conseguiu pedir ajuda a amigos. Durante a noite, enquanto a líder da seita dormia, a jovem pegou o celular dela e enviou mensagens de texto para dois ex-membros da comunidade com o pedido de socorro.

Segundo a polícia, denúncias contra membros da comunidade religiosa já estavam sendo feitas desde 2016, mas por falta de provas, as investigações não avançaram na época.

A garota de 18 anos não foi a única vítima. Dias antes uma jovem de 19 anos também foi salva, mas dessa vez pelo seu pai, Ronaldo Soares, de 50 anos. Agora o homem está buscando meios legais para reparar os danos sofridos pela filha. A jovem morava na chácara com a família e ficou trancada na residência da fundadora Ana Vindoura por três semanas. Ela foi impedida de deixar a seita quando disse que iria se mudar para casa de seu pai. Assim que recebeu a mensagem de socorro, Ronaldo Soares fez uma denúncia junto à Polícia Civil de Minas Gerais e à Procuradoria-Geral do Estado. Após pressão sobre os integrantes da igreja, eles entregaram a garota ao pai.

Em entrevista, a vítima relatou que a casa ficava sempre trancada e que conviveu com a jovem de 18 anos resgatada pelos agentes policiais. As duas tornaram-se amigas e a jovem de 19 anos ouviu histórias de que a companheira estava “endemoniada”. A vítima disse acreditar também, em alguns momentos, que poderia estar “endemoniada”, porque algumas atitudes e pensamentos seus eram diferentes, mas não conseguiu explicar quais seriam os comportamentos que fizeram que a líder religiosa declarasse possessão.

Mesmo sem pretender retornar à comunidade, a garota de 19 anos diz que não sente raiva, mas saudades, não apenas da vida em comunidade, mas de sua amiga, a qual também foi resgatada. Ambas sentem falta da líder religiosa, a quem chamam de “mãe”. A profeta as adotou como filhas espirituais e até trocou o nome da jovem de 19 anos para Ana Rute.

O pai de outra adolescente, de apenas 15 anos, relatou que a pastora e seus seguidores tentaram forçá-la a um “casamento espiritual”. Após se recusar e iniciar um relacionamento com um jovem da mesma idade, que também fazia parte da comunidade, a garota acabou engravidando dele. Sua atitude foi interpretada como uma “obra do diabo” e ela foi submetida a longas sessões de oração. Em uma ocasião, na tentativa de “expulsar o demônio”, a adolescente foi imobilizada no chão e agredida com tapas e puxões de cabelo.

Um homem residente no Mato Grosso também procurou a Polícia Civil do Distrito Federal para investigar a morte de sua irmã, Dione dos Santos Almeida Holanda, de 49 anos, que faleceu em dezembro após viver por uma década na comunidade Igreja Adventista Remanescente de Laodiceia. Segundo o homem, que preferiu manter a identidade em sigilo, sua irmã trabalhava intensamente costurando roupas na comunidade: “Minha irmã trabalhava demais, direto, dia e noite costurando roupas lá dentro”; “Amolecia as mãos de tanto costurar”.

Dione conheceu a igreja em Cláudia, cidade no interior do Mato Grosso, mudou-se para Goiás e, há dois anos, para Brasília, onde faleceu. Durante o período em que esteve na seita, os familiares tentaram entrar em contato, mas com pouco sucesso, uma vez que a posse de celulares é proibida no local, embora a líder religiosa tenha um aparelho ativo.

O irmão de Dione afirmou que só conseguiu falar com ela uma vez e foi impedido de ir ao sepultamento, que ocorreu em Brasília, e de levar o corpo para ser sepultado em sua cidade natal: “Diziam que eu era o demônio”.

O advogado Celso Correa de Oliveira, responsável pela defesa de Dias Luz e da Igreja de Laodiceia, negou veementemente todas as acusações levantadas contra seus clientes. Em relação ao bloqueio de valores, ele declarou que a Justiça encontrou apenas R\$ 84 mil em bens e R\$ 18 mil em contas bancárias das empresas e lideranças, e que os fiéis vendiam os

produtos que eles mesmos fabricavam. Além disso, Oliveira enfatizou que o local não era uma empresa, mas sim uma "cooperativa", e que faltou orientação jurídica para regularizar o local. Segundo ele, "Eles não são e nunca foram trabalhadores. Eles são membros da igreja".

Em relação às condições precárias de moradia, Oliveira argumentou que os alojamentos eram "extremamente temporários" e que em outra área estavam sendo construídas moradias com dinheiro do trabalho dos fiéis. Ele ressaltou que isso não foi mencionado no relatório de fiscalização e afirmou que as pessoas ali preferem construir a partir do próprio esforço, em vez de receber benefícios do governo.

C. Caso Ministério Evangélico Comunidade Rhema

O Ministério Comunidade Rhema, sediado em Franco da Rocha, na Grande São Paulo, é uma igreja evangélica que possui vínculos com a *"Word of Faith Fellowship"* (Associação Palavra da Fé), uma organização religiosa norte-americana que foi acusada de utilizar brasileiros como trabalhadores escravizados na Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Apesar das denúncias, a igreja nega qualquer envolvimento em práticas abusivas.

O Ministério Público do Trabalho em São Paulo (MPT-SP) moveu uma ação civil pública contra o Ministério Evangélico Comunidade Rhema e o Colégio Cristão Rhema. Essa investigação teve início em 2017, após denúncias que indicavam a prática de trabalho forçado pelos pastores fundadores em relação aos fiéis da igreja.

Foi em 1988 que Juarez Oliveira fundou o Ministério Evangélico Comunidade Rhema, que consiste em uma igreja e uma escola localizadas em Franco da Rocha, na região metropolitana de São Paulo. Desde então, o ministério tem enfatizado a criação de comunidades fechadas.

De acordo com a investigação, foi constatado que algumas pessoas que trabalham na comunidade possuem carteira assinada, enquanto outras não têm nenhum registro formal, com salários variando entre R\$ 200,00 e R\$ 500,00 mensais. A prática de trabalho era realizada com frequência, sem possibilidade de escolha por parte dos trabalhadores. Além disso, foi identificado que os pastores deturpam o conceito de trabalho voluntário, o qual inicialmente era uma opção dos fiéis, mas depois foram constrangidos a permanecer nessa condição.

Segundo relatos de testemunhas ouvidas pela procuradora do trabalho Andrea Gondin, que é uma das responsáveis pela ação, os pastores da Comunidade Rhema utilizavam seus membros, inclusive menores de dezoito anos, em diferentes tipos de trabalho voluntário, como mutirões e faxinas na própria comunidade, na casa pastoral ou no colégio.

Apenas três dos 25 professores que trabalham no Colégio Cristão Rhema têm registro formal e recebem salário, enquanto os demais são voluntários que, além de dar aulas, também realizam faxinas na casa de membros e trabalham gratuitamente em suas empresas. É importante ressaltar que o Colégio Cristão Rhema é uma instituição particular e cobra mensalidade dos alunos.

Segundo testemunhas, muitos membros da Comunidade Rhema eram atraídos pelos pastores em razão as viagens aos Estados Unidos da América para participar de seminários espirituais organizados pela igreja *Word of Faith Fellowship*, liderada pela pastora Jane Whale. No entanto, ao chegarem lá, acabavam sendo explorados como mão de obra gratuita.

De acordo com as denúncias, os pais dos membros da Comunidade Rhema arcam com todas as despesas, incluindo passagem aérea de ida e volta, taxa de hospedagem, alimentação diária, entre outras. No entanto, em momento algum foi informado aos pais que seus filhos iriam trabalhar em fábricas e mutirões durante a viagem. Segundo relatos, os alunos viajam com visto de turismo e acabam trabalhando por até seis meses em empresas ligadas à igreja.

De acordo com a Folha de São Paulo, os empresários “se utilizariam dos ‘pecados’ dos fiéis como desculpa para o não pagamento ou atraso dos direitos trabalhistas”.

De acordo com os relatos das testemunhas, as crianças e adolescentes que frequentam o Colégio Cristão Rhema também são obrigados a trabalhar na comunidade, mesmo durante o horário escolar. As aulas são frequentemente suspensas para que os alunos participem de eventos da igreja ou da própria escola, como seminários e casamentos. Os estudantes não têm a opção de não participar dessas atividades, e se recusarem, são encaminhados para a sala de restrição ou mandados para isolamento domiciliar, o que caracteriza uma forte pressão psicológica.

Os alunos do período matutino eram frequentemente escalados para realizar trabalhos manuais na comunidade no período da tarde, e até mesmo em mutirões noturnos. Além disso, as crianças eram ensinadas a não argumentar ou questionar as ordens dos pastores e líderes da igreja, o que contribui para uma cultura de submissão e falta de autonomia.

Caleb, Priscila e A.A., que atualmente têm 27, 24 e 21 anos, respectivamente, frequentaram o Colégio Cristão Rhema durante toda a sua educação escolar, visto que cumpriam com a exigência que permite a matrícula apenas para membros da igreja. Caleb, cujo pai era pedreiro, viu na escola uma oportunidade de oferecer ao filho uma boa educação em uma escola particular, pagando a mensalidade com serviços de obra.

As reuniões matinais no Colégio Cristão Rhema tinham como objetivo determinar quem teria permissão para assistir às aulas naquele dia, com base em critérios religiosos. Segundo relatos, um dos motivos para ser considerado "em pecado" era falar com uma pessoa do sexo oposto. Caso acontecesse de falar com alguém do sexo oposto, mesmo o menor dos contatos, já era motivo para gritos e punições.

Caleb conta que eles costumavam chacoalhar as pessoas de maneira tão bruta que as vítimas acabavam vomitando, os líderes diziam que isso significava que o "demônio estava saindo". Priscila também relata que uma vez foi punida: "bateram minha boca no chão e quebrei meu dente da frente".

O material didático da escola é cheio de censura, imagens de pessoas sem camisas, ou até mesmo dos povos originários são cobertas. Os textos não conseguem fugir da censura - muitas partes do material didático são cobertas com caixas de texto de cores sólidas para que não se consiga ver o que está escrito. A temática de reprodução é censurada até mesmo no estudo da demografia brasileira.

A igreja proibia a leitura de livros, assistir programas e até mesmo ouvir músicas que não fossem da igreja. Ter perfis em redes sociais era uma das outras proibições. Os jovens só foram ao cinema pela primeira vez após abandonarem a igreja, aos 20 anos. Além disso, a igreja proibia ir à praia com roupa de banho e comemorar aniversários e datas festivas como o Natal e o Ano Novo.

Algo que é estritamente proibido na Comunidade Rhema é o namoro. O que é permitido dentro da igreja é o "relacionamento de amizade", que tem que ser autorizado pelos pastores. Uma vez autorizado o casal pode manter contato, mas sempre acompanhado de um supervisor, na igreja chamado de "atalaia".

Para que o contato físico seja permitido entre os membros da comunidade, é necessário que eles se casem. No entanto, mesmo após o casamento, a igreja continua a exercer controle sobre o casal. Priscila afirmou que "nada pode ser feito se eles não aprovarem, até para ter filhos precisa pedir permissão".

A.A. relatou que foi duas vezes para Carolina do Norte, atraído pelo sonho de todo jovem. No entanto, ao chegar lá, ficou hospedado na casa de membros da igreja e teve que trabalhar. Ele descreveu que o psicológico imposto era tão forte que se sentiu obrigado a trabalhar. Os trabalhos eram sempre manuais e pesados, como limpar a casa inteira e fazer manutenção na casa. Os líderes da igreja americana diziam que o trabalho era um tratamento para o coração.

Priscila, que deixou a igreja há quatro anos, hoje ocupa o cargo de assistente administrativa, porém, ainda não conseguiu restabelecer os vínculos interpessoais que perdeu. Ela relata que a igreja limitava sua liberdade em diversos aspectos e, após sua saída, ela se viu incapaz de se relacionar e fazer amizades. Mesmo hoje, Priscila ainda se sente presa e solitária, sem amigos para compartilhar suas experiências.

Considerando o extenso período em que foram perpetrados abusos, inclusive contra crianças e adolescentes, a magnitude das irregularidades cometidas e os benefícios financeiros obtidos, o Ministério Público do Trabalho solicita à justiça a dissolução da igreja e da escola por desvio de finalidade.

Além disso, o MPT requer que os réus sejam condenados a pagar uma indenização de R\$ 500 mil por danos morais coletivos, bem como indenizações individuais de R\$ 50 mil a cada trabalhador afetado por danos morais. O MPT também solicita a declaração de exploração de mão de obra em condição análoga à de escravidão.

A igreja e seus líderes negam qualquer acusação feita pelos ex-membros e pelo Ministério Público do Trabalho, os líderes e pastores Juarez Oliveira, Solange Oliveira, Paulo Santos e Alice Santos publicaram um comunicado público em defesa da Comunidade Rhema.

COMUNICADO AO PÚBLICO

Nós, os pastores do Ministério Evangélico Comunidade Rhema, estando chocados, consternados e entristecidos com os artigos recentemente publicados pela mídia, vimos esclarecer ao público que:

Conhecemos o ministério Word of Faith Fellowship na Carolina do Norte, EUA, há mais de trinta anos, bem como os seus pastores, com os quais temos fortes laços de amizade e por quem temos grande consideração. São pessoas idôneas, vivem o amor de Deus, mas são caluniadas ao tentarem ajudar pessoas.

Nós não toleramos e não permitimos nenhuma forma de abuso em nosso ministério. Os relatos publicados são porções de mentiras e fatos distorcidos.

Nenhuma pessoa que é abusada e escravizada, como querem fazer crer os comentários, continua a frequentar a mesma igreja por 20 anos. Ou, ainda, escolhe voltar 20 vezes ao lugar em que é supostamente abusada, como mencionado por uma jovem, entrando e saindo do país.

Queremos mais uma vez deixar registrado o nosso repúdio às declarações feitas por essas pessoas, que pretendem manchar a nossa reputação e o bom conceito de que gozamos em nossa região, perante diversas instituições com quem temos relações de colaboração e perante todos os nossos conhecidos e amigos.

Pastores

Juarez & Solange Oliveira e Paulo & Alice Santos

2.4. Justificativa

A importância do tema está, essencialmente, em desmistificar a visão sobre as pessoas que passaram por alguma forma de abuso da fé através da humanização de vítimas desse fenômeno e mostrando que ele pode acontecer dentro de qualquer espaço onde a fé é praticada – e não apenas em “seitas”, como é comumente retratado.

Buscaremos mostrar o que leva cada pessoa que passou por esse tipo de situação a se manter dentro do grupo religioso, a buscar novas formas de praticar sua fé ou até a abandonar sua fé. Com esse processo visamos cumprir com o princípio do jornalismo de veicular informações humanizadas e apuradas que, conseqüentemente, transformam o modo de pensar da sociedade.

2.5. Produto

O produto escolhido pelo grupo foi o podcast. Acreditamos que a força do enfoque desse projeto se encontra nos relatos que cada personagem apresentará e, através da construção de um roteiro com a técnica do *storytelling*, poderemos valorizar essas histórias. Além disso, o podcast é um formato mais acessível e amplificará o alcance do projeto.

2.5.1. Quanto ao formato

O *podcasting* surgiu em meados dos anos 2000 como uma inovação tecnológica usada principalmente por estações de rádio como uma forma de realocar o horário dos seus programas que eram transmitidos apenas ao vivo – o próprio termo “podcast” foi utilizado pela primeira vez por um radialista e jornalista de tecnologia britânico chamado Ben Hammersley como uma referência às palavras *iPod* (aparelho lançado pela Apple que permitia o armazenamento de arquivos de áudio) e *broadcast* (“transmitir”, em tradução livre).

Entretanto, o crescimento significativo desse formato se deu apenas em 2014 – e não foi por acaso, já que há apenas dois anos a Apple lançava um recurso que permitia aos seus usuários organizarem uma biblioteca de áudio nos seus aparelhos móveis. Foi nesse contexto que uma equipe nova iorquina de rádio independente lançou o programa “*Serial*”, que aliava técnicas de *storytelling* ao jornalismo investigativo para contar a história de Adnan Syed, um estadunidense condenado a prisão perpétua em 1999 pelo assassinato de sua ex-namorada e colega de escola Hae Min Lee.

Já em 2017, o *The New York Times* percebeu o crescimento e o potencial do formato para o jornalismo *hard news* e lançou o “*The Daily*”, que vai ao ar diariamente (até hoje) trazendo para os ouvintes uma coletânea das notícias mais importantes do dia aliado à uma edição de

áudio criativa e informal – dessa forma, sacramentando o podcast como um formato importante para o jornalismo na era digital.

2.5.2. Quanto à técnica

O *storytelling* nada mais é do que uma técnica que explora a habilidade de contar histórias com o objetivo de transformá-las em uma jornada, gerando identificação no público pelo viés emocional – o que conquista sua atenção e o mantém preso à narrativa.

No jornalismo, o *storytelling* aparece para mudar a estrutura hegemônica e reinventar a forma de expor um acontecimento. Quando se opta por essa técnica, o objetivo principal é potencializar a humanização de um fato através da valorização de ambientes e personagens que, juntos de seus relatos, passam a ser a peça central da notícia – que, por sua vez, deixa de ser apenas “notícia” para transformar-se em “jornada”.

Através dessa técnica, o jornalismo torna-se capaz de fazer uma história transcender a vivência daqueles que a testemunharam para então integrar, também, a vida daqueles que a ouvem. Esse tipo de interação não acontece quando um acontecimento é apenas noticiado no jornalismo tradicional, principalmente devido ao volume de informações ao qual o público é submetido na era digital.

"O jornalismo apresenta-se, nesse contexto, como uma ferramenta de renascimento, de reinserção da vítima, do sobrevivente, no luxo da vida [...]. Algumas características da narrativa, como a linearidade, as repetições e as construções de metáforas, auxiliam essa simbolização. Para além das características da narrativa, também o relato jornalístico contribui para retemporalizar no presente, realocar o sobrevivente do trauma em 'nosso mundo'." (BARBOSA; CARVALHO, 2016, p. 22)

2.6. Estrutura e Fontes

2.6.1. Estrutura

Optamos pelo uso da norma culta, porém com liberdade para o uso de oralidades, uma vez que o formato podcast é um produto totalmente baseado em áudio, o que torna o ritmo e a naturalidade na fala dos apresentadores e dos entrevistados um elemento importante para a qualidade da produção.

Três episódios (duração: 7 minutos cada)

Episódio 1: aparelhamento da fé para fins políticos dentro das igrejas evangélicas.

- **Introdução**

- Apresentação dos locutores;
- Introdução geral do conceito de “aparelhamento da fé”;
- Introdução do tema do episódio: delimitação do aparelhamento durante o período eleitoral;
- Apresentação dos entrevistados.

- **Possíveis entrevistados e perguntas**

Andrea Dip (introduzir e contextualizar o tema para o ouvinte)

1. Andrea, você pode falar para a gente um pouquinho sobre a sua carreira, não só como jornalista, mas também como pesquisadora principalmente do avanço do fundamentalismo religioso na América Latina?
2. No contexto brasileiro, qual é a relevância dos evangélicos dentro da política? O fenômeno que acontece aqui se replica em outros países?
3. Como a força evangélica se movimentou para eleger Bolsonaro em 2018 e como ela reagiu ao pós-eleições de 2022?

Henrique Vieira (delimitar o assunto através da sua experiência dentro do meio religioso e político)

1. Qual a sua história pessoal com a religião e a fé em geral?
2. Quando você decidiu entrar para a política, como essa decisão impactou sua relação com a sua fé?
3. Você acredita que a mobilização de grupos que se identificam com uma religião em específico, como a bancada evangélica dentro das casas do legislativo, seja o melhor caminho para que sejam atendidos os interesses da religião como fenômeno sociocultural? A organização desses grupos pode contribuir para um ambiente de células polarizadas dentro da nossa democracia?

Amanda Sezerdello (estabelecer um ponto de proximidade e humanização com o ouvinte)

1. Você sentiu que, no ambiente da igreja, houve algum tipo de pressão para que os frequentadores seguissem o alinhamento político da instituição? Como isso influenciou suas decisões durante o período eleitoral?
2. Você enxerga que muitas pessoas se sentem mais retraídas e preferem omitir o que pensam para se manterem dentro de um grupo? Para você, até que ponto uma pessoa pode segurar suas emoções e opiniões para agradar aos demais membros da igreja?

Episódio 2: casos de abuso da fé para obtenção de mão de obra escrava.

- Recapitulação do último episódio;
- Introdução do tema do episódio.

Caso 1: Igreja Remanescente da Laodiceia

- Introdução;
- Quem é Ana Vindoura Dias Luz;
- Contextualização do caso;
- Vítimas e Defesa;
- Pós;
- Entrevista com a fonte (Celso Corrêa de Oliveira, advogado de defesa da Igreja).

Possíveis perguntas para a fonte:

1. Como esse caso chegou até você?
2. Quais são os argumentos sustentados para a defesa de Ana Vindoura Dias Luz e a Igreja Remanescente da Laodiceia?

Caso 2: Ministério Evangélico Comunidade Rhema

- Introdução;
- O que é a "*World of Faith Fellowship*";
- Contextualização do caso (Quando teve início, por quanto tempo durou, quem foram os envolvidos, onde e como ocorreu);
- Relatos de testemunhas. O estado atual das vítimas;
- Pós;
- Entrevista com a fonte (Zanone Fraissat, repórter fotográfico e Ana Estela de Sousa Pinto, repórter da matéria da folha).

Possíveis perguntas para as fontes:

1. Existe alguma dificuldade para tratar de assuntos "delicados" como os que envolvem as vítimas e seus parentes?
2. Existe algum tipo de "jogo duro" para conseguir informações por se tratar de temas graves?
3. Houve alguma "repercussão negativa" após a conclusão das matérias?

Outros possíveis entrevistados:

Psicólogo: fazer questionamentos sobre como os líderes utilizam da manipulação psicológica para fazer com que a pessoa renuncie aos seus direitos básicos para viver uma vida totalmente diferente.

Teólogo: perguntar sobre o que é a fé e como isso é transformado em manipulação por muitos líderes religiosos

Episódio 3: as vítimas de abuso encontram novos caminhos – pessoas que saíram da igreja e reimaginaram sua própria fé.

- **Introdução**

- Breve contextualização dos episódios anteriores;
- Introdução sobre “os novos caminhos”;
- Breve resumo das histórias dos personagens.

- **Possíveis entrevistados e perguntas**

Anna Félix (o ponto de vista de quem reimaginou a própria fé)

1. Como foi o retorno à fé, o que mudou
2. Como vê situações como essa que passou, acha que são prejudiciais para a pessoa e se acredita que elas continuarão acontecendo
3. Como se sente nessa nova igreja

Ronaldo Lucas Soares (o ponto de vista de um familiar de uma vítima que ainda luta contra os traumas gerados pelo abuso)

1. Como foi a convivência com a filha após seu resgate
2. Como vê situações como essa, em que a fé é usada para manipular pessoas

- **Conclusão**

- Recapitulação das histórias e dos temas abordados;
- Mensagem final sobre a importância de tratar de temas como a fé, que pode ser usada para a manipulação de pessoas;
- Convite para ouvir outros episódios do podcast.

2.6.2. Fontes

A. Os personagens

- **Aparelhamento da fé durante o período eleitoral**

Philip Guimarães: bispo da Igreja Renascer, acusado de expulsar o pastor Danilo Benassi por divergências ideológicas durante as eleições de 2022¹.

¹ METRÓPOLES. *Igreja expulsa pastor que não quis apoiar Bolsonaro em cultos* (BENEZ, 2018). Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/igreja-expulsa-pastor-que-nao-quis-apoiar-bolsonaro-em-cultos>

Contato: @bpphillip (Instagram)

Carolina Ferreira: cristã que optou por deixar de frequentar igrejas após o período eleitoral de 2022 - alega ter se sentido oprimida durante o período por divergir do posicionamento político da instituição.

Contato: @carolinaferrerr (Instagram)

Amanda Sezerdello: líder do grupo de jovens na igreja que frequenta. Omitiu seu posicionamento político para não ferir os direcionamentos dados pelos líderes religiosos.

Contato: @amandaser_ (Instagram)

Brenno Souza: estudante de ciências políticas de Niterói (RJ) que foi convidado a se retirar da Igreja Presbiteriana após publicar foto com adesivos de candidato que era oposição à escolha de seu líder religioso.²

Contato: <https://www.linkedin.com/in/brenno-daltro/>

- **Caso 1: Igreja Remanescente da Laodiceia**

Ronaldo Lucas Soares: pai de uma das vítimas de Dias Luz.³

Celso Corrêa de Oliveira: advogado de defesa da Igreja

Reportagens

<https://jornaldebrasil.com.br/brasil/seita-religiosa-vitimas-quebram-o-silencio-apos-carcere-privado-vir-tona/amp/>

<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/01/12/homem-diz-que-irma-morreu-de-tanto-trabalhar-em-seita-do-df-policia-investiga-lider-religiosa.ghtml>

- **Caso 2: Ministério Evangélico Comunidade Rhema**

Zanone Fraissat: repórter fotográfico da Folha de S. Paulo responsável pela cobertura fotográfica de reportagem relativa ao caso.

Ana Estela de Sousa Pinto: repórter da Folha de S. Paulo responsável por uma das matérias referentes ao caso.

² METRÓPOLES. *Jovem evangélico diz ter sido expulso da igreja por votar em Lula* (AMADO, 2022). Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/quilherme-amado/jovem-evangelico-diz-ter-sido-expulso-de-igreja-por-votar-em-lula>

³ CORREIO BRAZILIENSE. *Mais uma jovem afirma ter sido mantida em cárcere por seita do DF* (MACHADO e FEITOZA, 2019). Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/01/09/interna_cidadesdf.729946/mais-uma-jovem-afirma-ter-sido-mantida-em-carcere-por-seita-do-df.shtml

Reportagens

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/proibidos-de-namorar-ver-tv-e-ter-redes-sociais-jovens-relatam-rotina-em-filial-paulista-de-seita-dos-eua.ghtml>

B. Os especialistas

Edin Sued Abumanssur: Doutor em Ciências Sociais. Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo onde ocupa o cargo de Doutor Associado. Coordenador do Programa de Estudos Pós Graduated em Ciência da Religião da PUC-SP. Orienta teses e dissertações no mesmo Programa. Desenvolve pesquisas em Sociologia da Religião, atuando principalmente nos seguintes temas: pentecostalismo, protestantismo, adesão religiosa. É líder do Grupo de Estudos do Protestantismo e Pentecostalismo (GEPP) da PUC-SP.⁴

2.7. Recursos necessários

- Gravadores de áudio
- Ilha de edição de áudio
- Revisor de roteiro
- Curso de *storytelling*

2.8. Cronograma

Agosto

Primeira quinzena: contato com as fontes e agendamento de entrevistas

Segunda quinzena: gravação de entrevistas

Setembro

Primeira quinzena: gravação de entrevistas e início do processo de decupagem

Segunda quinzena: últimas decupagens e elaboração do roteiro

Outubro

Primeira quinzena: gravação do roteiro e edição

Segunda quinzena: revisão e edição final

Novembro: entrega final

⁴ Informações retiradas do perfil de Edin Sued Abumassor no portal ESCAVADOR. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/7904980/edin-sued-abumanssur#:~:text=Edin&text=Sued>. Acesso: 22/05/2023 às 19:48